



“Que a liberdade ensine pessoas”

Entrevista com Indianara Siqueira

Pessoa normal de peito e pau. Assim descreve a si mesma Indianara Siqueira, que diz não ter mais interesse em se classificar como mulher ou homem, por entender que estas designações servem as hierarquias opressivas da sociedade cisheteronormativa. Indianara é ativista internacional e prostituta na Lapa e trabalha ativamente na luta pelos direitos das profissionais do sexo e de pessoas trans através do movimento Transrevolução do qual é presidente. Indianara fundou também a Casa Nem, potente espaço de acolhimento e capacitação para pessoas trans e travestis em situação de vulnerabilidade no Beco do Rato na Lapa. Criou ainda o PreparaNem, curso gratuito de preparação para o ENEM que acontece em locais fora dos tradicionais modelos e centros de ensino e cujo modelo vem sendo copiado em vários lugares do Brasil. Indianara executa também uma ação estético-política que consiste em mostrar os peitos na rua e chamar a atenção da polícia em uma ação performática que tem dois objetivos bastante claros: o primeiro, denunciar a desigualdade dos dispositivos legais com relação a homens e mulheres, mostrando que não somos todos iguais perante a lei, e o segundo é o de eliminar a necessidade de definição de gênero em documentos de identificação.

Ana Matheus Abbade Gostaria de situar a relação que nos convêm entre as três potências em discussão Arte, Educação e Sedução. Tentar possibilidades e impossibilidades a partir de práticas pedagógicas e artísticas, criarmos dobras, desdobras e redobras daquilo que chamam de sedução dentro das políticas das paixões. Ou seja, como a experiência artística preserva e também desconstrói/destrói as relações entre sedução e abjeção a partir da experiência dos usos do corpo e dos usos da imagem no contexto sulamericano. Como também, pensar como as últimas insurgências buscam na sedução o instrumento transformador da atual conjuntura do sistema educacional disciplinado e disciplinador construído às luzes da ética nazifascista nos anos 40 com Getúlio Vargas e o ensino profissionalizante e técnico, como, também, regido pelo método iluminista eurocentrado.

Indianara Siqueira Essas disciplinas que estão aí, né? Tudo formatado de uma maneira para o mundo capitalista para formar pessoas em série para serem absorvidas pelo mundo capitalista. Esquecendo-se o humano, a sociedade, essas vivências e até mesmo o meio social que essas pessoas vão criando em suas experiências. Acho que o problema é justamente isso, foca-se muito no capitalismo e muito em as pessoas terem um diploma, se formarem e terminarem logo aquilo, abrindo lugares para os outros novos que vão chegando e assim seja absorvido pelo mercado. Formamos robôs, robôs e robôs que



pensam apenas naquela maneira disciplinar que foi imposta. Até monografias, TCC etc. e tal... já vem com um o r i e n t a d o r, não é? Já fazem uma orientação! Não se pode ter liberdade nem para os trabalhos, já tem que se seguir uma orientação. Eu acho isso muito aprisionante, gente. Desculpem, mas não é para mim. É um espaço que eu não quero.

Mariana Pimentel Um das questões que atravessaram e atravessam a arte moderna e contemporânea é a relação entre arte e vida, isto é, como fazer com que os espaços de arte e suas práticas participem da criação de outros modos de vida que não aqueles impostos pelo sistema dominante. O ativismo que vocês praticam está desde já presente em seus corpos, é já a vida de vocês, o modo como seus corpos habitam esse mundo. Os seus corpos já são a criação de outros modos de vida, de estratégias de sobrevivência, de sobrevida. Neste sentido me parece que, antes de qualquer artista que fez de seu corpo o suporte da obra, desde sempre toda travesti já é uma artista.

Indianara Siqueira É uma ativista, na verdade. Toda travesti independente de estar em algum espaço de ativismo, participando de algum movimento, já são corpos que são ativistas. Certamente porque já quebram a cisheteronorma, transitam na sociedade cisheteronormativa e fomentam a discussão. Acho que só por isso são corpos que falam. Quebram normas. Costumo até brincar com uma música que eu fiz colocando uma frase na internet “Sou um tanque de guerra pintado de rosa choque” e a gente foi criando, cada um criava uma frase formava a música, “Sou um tanque de guerra pintado de rosa-choque / Se você não quiser me ver através da sua íris / Feche seus olhos quando eu passar / Por que meu estandarte tem as cores do arco-íris”. Acho que as pessoas trans, travestis e transvestigeneres são como se seus próprios corpos fossem cavalos de guerra, tanques de guerra...

Daniela Mattos (Cíntia Nin) Pintados de rosa-choque...

Indianara Siqueira Sim, pintados de rosa-choque. Brilham de longe. Aparecem de longe. Então, tem que se esconder... se camuflarem e acabam passando por uma opressão porque você não vivencia o teu, você vivencia o do outro. São muitas violências cotidianas.

Mariana Pimentel Seguindo essa linha talvez pudéssemos compreender tanto o seu trabalho aqui, assim como das outras meninas também que estão à frente da Casa Nem, como um trabalho de curadoria. Seja no sentido de cuidar, acolher os corpos trans e em condição de vulnerabilidade que entram em relação com a casa. Seja também no sentido

artístico/cultural de criação de um espaço de visibilidade desses corpos e dessas lutas por meio de ações ativistas, pedagógicas, artísticas e culturais.

Indianara Siqueira Na realidade a casa é para ser esse espaço sem regras. Às vezes me cobram muito por ‘não ter um mínimo de regras’, então sempre contesto ‘Olha só, nós saímos de um mundo cheio de regras, saímos deles ou por vontade própria, ou fomos expulsas porque as regras deles não condiziam conosco. Então qual o sentido de criarmos mais regras?’. Temos que trabalhar com a consciência. Ter consciência do outro, do coletivo, eu não tenho que chegar e determinar funções porque essas são as normas do sistema. Nós vivemos já assim, não é? Acaba não funcionando porque você faz automaticamente, pois se tem a consciência porque agora tenho que fazer, agora posso fazer, agora me sinto bem pra fazer e porque alguém tem que fazer ou outro pode também fazer. Ter consciência do outro, respeito ao espaço do outro, respeito que o corpo do outro lhe pertence... Não é porque a pessoa está nua em uma transa que tenho direito de tocar, de invadir aquele corpo... O cuidado com as pessoas que estão inconscientes, se houve uma festa na casa e as pessoas beberam demais e estão meio torpes peço que não coloquem essas pessoas pra fora, expostas a riscos e perigos. Acho que o cuidado, o afeto, o acolher, o estar junto, a consciência do outro é que vai, justamente, se multiplicando em respeito mútuo. A não violência, as agressões, o não gritar. Se todo mundo gritar ninguém se entende, então todo mundo perde. Às vezes alguém tem que gritar para que os outros possam... É um grito, mas não é um grito de ódio, de raiva, mas de atenção, dizer “Gente! Vamos parar! Olha, deu! Vamos conversar agora? Dá pra todo mundo parar de gritar agora?”, um grito para colocar as coisas outra vez no lugar de discussão, se não vira mais uma agressão e violência.

Destruir toda essa competitividade que nos é imposta. Ninguém deve competir com ninguém. Cada um tem seu talento e algumas pessoas não gostam de nada e não querem fazer nada, só querem passar pela vida, viver a vida... Elas podem, têm esse direito. Só é preciso ter a consciência por estar em um espaço que existem outras pessoas que vivem de outro modo, então vai ter momento que terá de entrar nessa engrenagem e participar do coletivo. Na verdade, acredito que as pessoas assim passam a se sentirem parte de um coletivo, mas sem nada imposto, porque é pela intenção das pessoas. Eu acho que a escola deveria ser assim. Por isso a intenção do Prepara é sem nada forçado. Que as pessoas fossem pra escola “Ah! Só gosto de História” Ok, só vai aprender história. Porque vai enfiar química, física, matemática... Um monte de coisa que a pessoa não gosta, não

quer, só para cumprir um currículo para o mundo capitalista. Você vai aprender direito, o que é preciso? Estudar leis, regras das leis, aquilo que você gosta é o que tem que aprender. Para que aprender de novo química física, matemática...? Coisas que a pessoa não vai usar naquilo que ela gosta? A pessoa gosta de arte? Vamos então, escultura, artes cênicas... Mas não, coloca-se um monte de coisa naquele currículo que a pessoa não quer só para formar seres pro mundo capitalista, em série, fazendo a engrenagem de esse mundo funcionar, esquecendo o humano.

“Ah! Gosto de ficar na internet!” Ok! Ensina a ler e escrever, depois dê um computador que ela vai pesquisar. Não vão mais precisar estar aprisionadas em escolas, vão se interessar por arte e pelas coisas que estão ali. Era ótimo quando eu estava em Paris e eu podia passar a mão nas coisas e saber que eu já tinha pesquisado sobre, já tinha lido sobre, que naquele lugar alguma guerra havia sido declarada, a paz negociada. Era muito prazeroso, não tinha preço.

Daniela Mattos (Cíntia Nin) Como é que foi sua vida na escola?

Indianara Siqueira Até a quarta série, enquanto eu estudava no colégio que minha mãe trabalhava eu tinha sua proteção. As pessoas não me importunavam porque ela me tirava das situações, me levava ao banheiro dos funcionários, comia na cozinha dos funcionários. Até aí minhas notas eram ótimas.

Daniela Mattos (Cíntia Nin) Onde?

Indianara Siqueira Em Paranaguá, Paraná. Aí eu passo para o ginásio, mudo de colégio, não tinha mais a proteção da minha mãe quando começam a piorar as coisas. Todas as agressões, opressões, minhas notas caem vertiginosamente e tenho reprovação. Quando eu passo a estudar à noite, encontrei uma turma que não era desconstruída, tinha suas opressões, machismos... Mas era mais acolhedora, quando eu havia um problema era discutido... As pessoas se protegiam, nos víamos como uma tribo. Quando mudo novamente para outro colégio, a turma se desfez e aí eu realmente desisti. Aí eu parei.

Mariana Pimentel Uma vez você chamou atenção para o fato de que antes havia tido algum tipo de tentativa de realização do Prepara Nem dentro de instituições formais de ensino e que isso não havia dado certo. E por isso vocês buscaram alguma outra lógica para que o Prepara Nem pudesse funcionar.

Indianara Siqueira As pessoas nunca estavam interessadas, as que queriam informavam que deveria ser através de editais do governo. O que aprisionaria outra vez, teria que outra vez seguir uma grade curricular, uma maneira que tá aí... o que considero uma maneira obsoleta de ensinar... Fugiria totalmente da lógica da liberdade. Ensinar as pessoas o que elas gostariam e sem opressões; que as pessoas não ficassem presas numa sala e pudessem transitar espaços. Temos esses lugares pré-definidos do Prepara, que são sindicatos, Casa 24 e a própria Casa Nem, mas, também, as aulas podem acontecer em outros espaços. Por exemplo, hoje tem um debate na Cinelândia *Feminismos é a revolução*, então hoje a aula muda e vão para esse momento de debate. Participar dessas outras vivências. É uma aula de Biologia? Leva a aula para o Museu da Vida na FioCruz. Aula de História? Alguns Museus. Leva para a Praça Paris, as pessoas vão passar e fomentar discussões, de repente as pessoas se aproximam... Acho que é isso... As matérias, disciplinas universitárias estão trancadas nas Universidades. As escolas e as Universidades... quem passa do lado de fora sabe que aquele espaço é público, mas, ao mesmo tempo, é restrito apenas para quem está matriculada naquela instituição de ensino. Não pode conviver com outras pessoas. Acho isso completamente um absurdo. Se for um espaço público é para ser usado, independente de ser aluno ou não. Essa falta de interação entre escola, universidade e comunidade, afasta muito, separa muito, cria uma elite. Determinadas pessoas que estão ocupando aqueles espaços, e outras que foram expulsas dali ou que recusaram aquelas instituições e criam outra vivência e criaram outra maneira de vida. O Prepara não pode ser aprisionado... Que essa liberdade que ensine pessoas, que traga pessoas e que acabam preparando outros professores a lidarem com alunas e alunos trans nas faculdades, universidades. A gente tem que voltar a investir no humano, deixar as pessoas livres, se querem se não querem... Você pode até tentar uma negociação, uma mediação.... Sem nada imposto... “Agora você tem que fazer!” às vezes escuto pais que falam absurdos: “Depois que você estiver formado você pode fazer o que quiser da vida”, não seria melhor já saber o que essas pessoas querem da vida? Aí a pessoa se forma em direito, querendo ser cantor, ao invés de fazer arte, música, canto...

Daniela Mattos (Cíntia Nin) Ou vai pra vida, né...

Indianara Siqueira Vai pra vida! Vai fazer o curso da vida, né? Eu acho que a vida é a melhor escola, sempre soube.

Mariana Pimental Isso que eu achei interessante, porque você trás a lógica da rua para dentro do espaço de ensino. Aquilo que você dizia: o problema dessas instituições

formais é que não aceitam o modo como os corpos das travestis, pessoas trans, drogadas, putas se apresentam nesse espaço disciplinar.

Indianara Siqueira Sim. Chegou bêbada. E ai vai fazer o que? Expulsar? Vai agredir? Mandar pra onde? Chamar a polícia? Chegou, chegou. Entra no consenso conversa com a pessoa, com o coletivo, é preciso achar uma maneira de incluir. E ai justamente você quebra essa coisa que elas vão chegar e destruir, quebrar tudo, discutir... Às vezes a pessoa só quer ir e passar aquela onda, e qual o problema disso? O ar que a gente respira tem partículas de droga, alumínio, mercúrio, dióxido de carbono... Viver já é uma droga! Sinto muito! Mas viver já é uma droga! Às vezes você tá andando nos lugares e bate uma onda porque veio uma partícula que...

Algumas pessoas chegam pra mim e falam “Ah! Você é discordante! Porque ao mesmo tempo em que você não quer estar nas escolas, universidades, você cria o Prepara Nem para empoderar as pessoas para estarem nesses espaços.” Eu falo que não quero, mas porque não posso ser solidária à luta das pessoas que querem? Se quiserem, pelo menos que aprendam em lugares sem opressões.

As pessoas devem se acostumar com a vida! A vida é assim! A vida é como a música ‘essa metamorfose ambulante’, ou a gente é a metamorfose que muda a vida, ou você acompanha a metamorfose das outras vidas que vão trazendo pra gente. Acho que é isso, uma mistura total de seres, de vidas, histórias, vivências é que fazem a nossa sociedade tão rica e tão plural. Agora com a internet a gente tem acesso a outras vivências e a outros lugares, acaba que você vê que tudo que te ensinaram não te serve mais e tu pensa “Opa! Vou pra lá”. Como acontece agora vi uma tribo de indígenas trans na floresta amazônica e que estão se juntando e criando outra tribo no meio da mata. Está ai! O meu Plutão! Vou pra lá! Pro meio da floresta! Ninguém quer saber quem tem pau, quem tem buceta, quem tem corpo tal ou um corpo assim...

Guilherme Altmayer Indianara fale um pouco da sua ação estético-política (produção de dissenso por meios sensíveis) de colocar seus seios para fora, que você já fez várias vezes na rua. Fale um pouco do que você quer provocar com essa ação e o que você acha que está em jogo quando expõe seus seios em público?

Indianara Siqueira É um ato político. Eu costumo falar que hoje eu tenho o entendimento que esse é o meu corpo. Se ele é lido como corpo feminino, corpo masculino ou homem ou mulher não é problema meu. É problema de quem inventou essas definições

do que é mulher e também do que é homem. A mulher é para dizer aquilo que não é homem, não é masculino, isso foi o mundo machista e patriarcal que inventou. Então as mulheres cis, principalmente as radicais feministas, dizem que mulher é quem tem buceta e útero e usam seus úteros para oprimirem outras mulheres. Mas quem disse que ser mulher é quem tem útero e buceta? Foram os homens. Então elas nada mais estão fazendo que reproduzir isso. “Nós somos mulheres e temos que lutar contra os homens. Mas mulher é apenas isso que os homens determinaram”.

Quando as pessoas transvestigeneres e transexuais dizem “Eu sou mulher” e elas respondem “Não, vocês não são mulheres!”. Mas não foi isso que os homens disseram para elas “vocês não são homens, são mulheres” e elas acataram isso? Aceitaram isso para lutar contra os homens cis e o patriarcado. Ou seja, querem destruir o patriarcado, mas usam as normas do patriarcado. Reproduzem essas opressões todas sobre os outros corpos que estão fora dessa norma. Aí começa toda essa guerra.

Eu simplesmente digo que esse é o meu corpo, nasci com ele e resolvi mudar ele. Porque aquele corpo não me condizia, não era meu, não me identificava com aquilo, era para mim uma prisão. “Ah! Você está reproduzindo os padrões de estética femininos!”. Não foi culpa minha que esses padrões de estética existem, foram vocês que aceitaram primeiro. Sinto muito! Vocês que tivessem destruído eles antes! Aí hoje eu me identificaria com outros. Não é culpa minha! Vocês reproduziram isso! Quando eu vi, eu gostei disso que eu vi! Aí eu quis isso pra mim! Falam que não posso ter isso pra mim, mas vocês podem ter isso pra vocês e usam isso como uma reinvidicação política pra vocês? Vamos se situar? Por que eu não posso dizer que sou mulher? Porque nasci com pau? Por que vocês tem que aceitar que são mulheres? Foram vocês que disseram isso? Vocês definiram isso? Ou foram eles? Eles que vocês lutam contra?

De um momento em que eu tinha de falar ‘sou uma mulher, tenho um corpo feminino’, ‘sou uma mulher travesti’, ‘sou uma mulher de peito e de pau’, até eu chegar ao ponto de dizer ‘sou uma mulher normal de peito e de pau’. Aí eu me pergunto ‘o que é ser uma mulher nessa sociedade?’ será que ‘mulher é aquilo que não é homem’, então já é uma definição do machismo e patriarcado que estou lutando contra. Por que eu tenho que aceitar isso pra mim? O que é ser normal nessa sociedade aonde todo mundo tem a variação de alguma coisa? O que é anormal?

Enfim, cheguei à conclusão que tenho um corpo e sou pessoa. A base neutra do ser humano é ser humano-pessoa. Sou pessoa de peito e de pau, se esse corpo é lido como masculino, ou como feminino, não me interessa. São definições que foram impostas e a sociedade foi aceitando. Então, se não sou mulher e digo que não sou homem, portanto, o que é esse corpo? Vamos ver a base legal. Ela que diz ‘sim, sou homem’ porque “biologicamente nasci com pênis”, fui registrada, então, por ter característica peniana como homem. Portanto, eu sou homem.

Se sou homem, agora irei acessar todos os privilégios que me foram negados quando eu recusei dizendo que não era homem. Agora vou acessá-los. Vou andar de peitos de fora. “Ah! Não pode!” “Como assim não pode? Eu sou homem, não é? Estão aqui todos os meus documentos registrados que dizem que sou homem registrado em cartório. Se legalmente eu sou homem, legalmente tenho esses direitos. Então por que não pode?” “Não pode porque você tem peitos.”. Aí eu falo “O problema não são os peitos? Existem homens gordos que têm peitos. Eles também não podem sair na rua sem sutiã, sem camisa, sem nada. Qual o problema? São os seios? O arredondamento dos seios? O mamilo?”. Porque na realidade os problemas são os mamilos, pode colocar uma tira cobrindo os mamilos, se mostrou o mamilo já não pode mais. Aí começa o problema, ando de peito de fora e sou detida. Legalmente vai para julgamento, mas eles não têm como me julgar. Pois justamente, digo a eles isto, se eles me condenando eles vão estar reconhecendo os direitos de outros corpos das pessoas trans, abrindo jurisprudência para as pessoas trans serem respeitadas pelas suas auto-declarações, por seus corpos, pela maneira que transformaram seus corpos e vivem socialmente.

Todavia, ao mesmo tempo, essa condenação estará deixando explícito que homens e mulheres não são iguais perante as leis. Como homem eu seria absolvida, como mulher condenada. Enquanto corpo feminino, fenótipo feminino, como eles falam, estarei sendo condenado. Portanto, fica explícito que corpos femininos tem que ser condenados, oprimidos. E se o contrário acontecer e eles decidam que sim, legalmente sou homem, pois tenho pênis, logo, tenho direito de andar com peitos para fora. Me absolvem como homem, me condenam enquanto mulher. Condenando ou absolvendo eles explicitam que homens e mulheres não são iguais perante as leis. Mais uma vez, eles abrem jurisprudência para o reconhecimento das pessoas trans. E aí eles arquivam, já que não comparecem na data do julgamento.

Daniela Mattos (Cíntia Nin) Todas aqui no Rio?

Indianara Siqueira Todas aqui no Rio!

Guilherme Altmayer Você falou que iria entrar com uma ação...

Indianara Siqueira Eu fui para oito tentativas aqui no Rio. Mas agora meus advogados estão estudando uma maneira de como fazer com que o Estado me julgue. Na realidade, tem uma impossibilidade porque a pessoa não pode pedir para ser julgada, não pode exigir ser julgada em processos que eles arquivam. Mas tem que se achar uma maneira de ou de me fazer ser julgada, ou ter um salvo-conduto para não ser mais detida. Porque daí também não funciona porque já sou recusada em todas as delegacias... Daqui a pouco vou ter que ser detida em todas as delegacias para que todas me conheçam e me recusem, porque na 5ª DP eu sou recusada, na 12ª também, na 13ª, 9ª... Policial já se recusa a me deter. Eles vão ter que dar ou o salvo-conduto, ou me condenar ou me absolver para a gente saber. Mas, eles não querem assumir a responsabilidade sobre aquele corpo que eles não sabem definir... “Ah! Mas você é o que?” Eu sou! Sou um corpo e eu existo! Vocês são quem vão decidir, já não é mais o meu problema. Só quero andar de peitos de fora porque meus documentos reconhecem que tenho o privilégio legal para andar nua. Se vocês não reconhecem isso, vão ter que achar uma maneira de me dizer que não reconhecem isso... Agora como vocês vão fazer? Encontrem a solução!

Daniela Mattos (Cíntia Nin) E te dando esse direito vão assinar o documento que institucionalmente a mulher tem que ser oprimida, apagada. As leis oprimem as mulheres...

Indianara Siqueira Eu creio que esse é o maior problema que não querem assumir. Obviamente, ficaria bem explícito, um tribunal de justiça reconhecendo a ilegalidade das leis, essas disparidades da lei de que homens e mulheres não são iguais em direitos.

Mariana Pimentel Acho que essa sua ação torna visível o enunciado machista e opressor que sustenta essas leis.

Daniela Mattos (Cíntia Nin) São direitos humanos. A primeira cláusula dos direitos humanos é que todos os humanos são...

Indianara Siqueira Iguais perante a lei desde a hora do seu nascimento. Então cria um problema para as leis e eles que resolvam...

Guilherme Altmayer Na sua fala na Casa Rui Barbosa no evento *Resistências feministas na arte da vida* você diz que entendeu essa sua ação como uma performance.

Indianara Siqueira Sim! É uma performance, pois traz discussões à luz. É para romper o sistema. Porque os corpos das mulheres tem que ser punido? Porque os corpos femininos são punidos? Isso fica bem óbvio para mim quando sou detida numa dessas performances com o Leonardo Peçanha, que é um homem trans que não havia ainda modificado seus documentos, mas já tomava hormônios masculinos, já tinha feito a mamactoplastia. E o Léo na delegacia ele fala “Mas ela tá sendo presa por quê? Ela pode! Legalmente ela pode tirara a roupa em público! Eu que não posso, legalmente sou uma mulher”, eu coloco os documentos dele na mesa do inspetor, ele tira a camisa e fala “É uma mulher tirando a camisa na sala do inspetor”. Eles falam “Não! O seu caso é diferente!”.

Fica bem explícito que eles não sabem. Primeiro que não sabem lidar com corpos que não estão conformes, normativos. E outra, que eles têm essa questão do corpo feminino ter que ser punido. Eles sabem bem qual corpo tem que passar por uma punição.

Outro dia que fui detida, o policial fala “Eu só não te libero porque você não quer vestir a roupa! Eu não posso te liberar de peito de fora!” “Então se você me liberar e na porta da delegacia eu tirar o peito de novo?”, ele respondeu “Aí já não é problema meu!” “Qual o problema de sair com o peito de fora?” “É porque você tem o fenótipo feminino.” “O que vale é meu fenótipo?” “Mas você não quer ser mulher?” “O que vale agora é o que eu quero ser?” “AH! Porque eu tenho que te tratar como Indianara, porque você é travesti...” “Eu te disse que eu era travesti? Falei para você me chamar de Indianara? Falei que meu nome é esse daqui que está no documento registrado em cartório... Não te falei que sou Indianara e nem te falei, tão pouco, que era travesti!”. Então ponto! Mas vamos lá, já que não posso sair com meus peitos desnudos... Vou te colocar uma questão: “Se vocês prendessem um rapaz da tradicional família brasileira só de bermuda ou short? Ele teria que esperar que alguém da família chegasse trazendo com alguma camiseta, ou camisa, para ele vestir já que não pode sair desnudo?” “Ah então é esse o X da questão! Para vocês o feminino tem que ser reprimido, tem que ser oprimido, aprisionado... Então incomoda muito, fere as normas da sociedade... Ok! Vamos ficar aqui debatendo a noite inteira!”. Ficamos lá a noite inteira debatendo sobre feminismo até minhas advogadas chegarem, a Heloisa Melino e a Barbara Moura e fomos embora por elas, por ele eu ficava ali debatendo.

É incrível a maneira como eles tratam determinadas pessoas, determinados corpos, cores de pele. A sociedade é baseada sobre isso, qual a cor certa, a cor que pode acessar.

Ana Matheus Abbade Mostra também o quanto a imaginação política dessa figura humana é, ao mesmo tempo, a figura referente das leis dos direitos humanos e também é a autora das leis. Essa figura humana limitada em sua universalidade. Ou então, essa figura humana que se compõe no denominador comum internalizado e espiritual, e não na diferença encarnada. Falo disso principalmente, quando se perde o senso de igualdade que unem todos os seres humanos, e principalmente quando o feminino entra como diferenciação no caso jurídico, institucional das leis, do regimento constitucional...

Indianara Siqueira Sim, quando não se tem esse corpo normatizado deixa de ser humano, perde o direito humano. O direito e o respeito que uma mulher teria, se eu fosse uma mulher cis.... Às travestis já é negado automaticamente, tem que ser detida. A gente vê também esse diferencial, porque ‘quem é a pessoa? Qual é o gênero?’, mas, além disso, além do gênero, é que aquele corpo tudo aquilo não está na norma, não tem seus direitos. Também ninguém vai reclamar se aquele corpo desaparecer. Ninguém reclama tanto assim, ninguém se conclama enquanto parentes ou família... A gente vê isso nas mortes das travestis e transexuais, quando assassinadas a família não tem o menor respeito por aquela pessoa ter vivido toda a sua vida enquanto mulher. Agora morreu e perde mais ainda seus direitos. Tudo o que um corpo heterocisnormativo recebe na hora da sua morte, as travestis não recebem respeito nem na sua morte. É o momento em que mais são desrespeitadas. Não tem respeito, vivas ou mortas.

Mariana Pimentel E quanto às suas ações, suas e de outras travestis, em protestos coletivos como na Marcha das Vadias, onde vocês, nós, confrontamos a norma, você acredita no caráter educativo dessas ações? Bem ou mal, quando você estava com o delegado, estava lá explicando o feminismo... De alguma forma provoca pensar.

Indianara Siqueira Eu acho que é mais pontual. O mínimo de pessoas que você consegue agregar, se conectar, que criem essa discussão eu já acho válido. Mas é quase dar murro em ponta de faca. Pois, poderia ser feito em grande escala, estar nos currículos escolares, nas universidades, sendo debatido em todas as escolas. Aí a gente consegue mudar e nem precisaria mais fazer todas essas marchas, esses embates todos. Fazemos

porque a gente sente necessário fazer isso, talvez nós não cheguemos a nos beneficiar pelos direitos que reivindicamos nas marchas, paradas, atos, mas outras pessoas irão.

Porque daí sim, todas essas discussões que gerarem nesses atos, marchas, fomentam discussões em faculdades, universidades e talvez a gente consiga convencer da necessidade e possibilidade de um estudo com diversidade. A gente conseguiu que nas escolas seja debatido sobre machismo, projeto do deputado Renato Cinco do PSOL. Podemos entrar por aí, e começar a debater mais ainda, a orientação sexual, as identidades de gênero. Isso deve ser feito em todas as escolas, nível federal. Não apenas as diversidades de gênero, mas uma diversidade social, funcional. Se não, continuaremos a ver Orlandos acontecerem com 50 pessoas assassinadas, Paris sendo metralhada...

Daniela Mattos (Cíntia Nin) ...genocídio preto e pobre no Rio de Janeiro...

Indianara Siqueira Holocaustos acontecerem em alguns lugares, radicais feministas em debate insano sobre prostituição.

Mariana Pimentel Como você vê a ação e os discursos produzidos pelas feministas radicais e, mesmo por outros vertentes do feminismo, sobre a prática da prostituição e sua eventual regulamentação?

Indianara Siqueira Primeiro, não existe turismo sexual. Existe turismo. As pessoas se reúnem porque existe alguma particularidade; os homens gostam de sexo porque foram socializados em uma liberdade sexual. Isso é outra coisa que acho ilógico das radicais feministas, pois acusam as travestis e transexuais por não terem sido socializadas enquanto mulheres. Ao mesmo tempo em que reivindicam uma liberdade sobre seus corpos, liberdade sexual, uma liberdade de fazer o que quiserem com seus corpos. As travestis, que supostamente foram socializadas como homens, já não tem então essa liberdade sobre seus corpos que elas estão reivindicando? Porque querer obrigar essas pessoas a passarem por uma violência de socialização feminina que foi violenta para elas? Não vejo muita lógica nisso.

Já começamos por tal problema. A outra é que há pontos que unem as pessoas. Se homens se reúnem para irem à festa fazerem pegação é porque a sociedade permite isso, então teríamos que passar por uma desconstrução da sociedade. Teria que ser dessa maneira. Depois que, se existem pessoas que tem o direito de decidirem o que querem fazer com seu corpo, não importa qual o motivo que entraram na prostituição, existem sim

peessoas que gostam de sexo e querem lucrar com isso por mais que elas digam que ‘Não! Não existe, é violência contra a mulher, é estupro pago com hora marcada e cliente marcado...’ Não é bem assim, primeiro porque estupro não pode ser pago nunca, estupro é violência, é forçar uma pessoa a fazer algo que ela não quer. Completamente diferente.

Existem várias questões que levam uma pessoa a entrarem na prostituição. Seja porque precisa matar sua fome, precisa de uma bolsa cara, sustentar os filhos, pagarem o aluguel, fazer só de vez em quando e precisa complementar sua renda, ou que precisou entrar na prostituição e viu que não era nada de mais, como é no meu caso. Existem pessoas que gostam de sexo e cobram por sexo. E tem o direito de fazerem isso se quiserem. A questão é se eu decido transar gratuitamente com 10 homens, não é violência porque é minha vontade de gozar, procurando o meu prazer. Mas se eu decido transar com 10 homens, porque também procuro meu prazer, ou decido cobrar e ter esse dinheiro, entendendo que eu, enquanto prostituta livre e autônoma também posso gozar. Até porque o gozo é uma incógnita. Se eu não for uma prostituta, uma mulher que tem sexualidade livre e saio para transar. Transei com um e não gozei, tento mais outro, mais outro... até eu gozar. Qual o problema então de ‘Ok! Transei com um e não gozei, tenho meu dinheiro. Com outro gozei, tenho o dinheiro. Com esse só por prazer e gozei sem dinheiro. Ok, também! Que as pessoas sejam livres para fazer o que quiserem com o seu corpo! Se elas quiserem cobrar por sexo, que cobrem! Se não quiser, não cobre! Não se esquecendo de que só em você querer o prazer já é uma cobrança. Então você já não está entregando seu corpo assim... Faça o que quiser com ele! Você já tá querendo prazer, querendo algo em troca por sexo. Qual o problema de cobrar por isso? Qual o problema de ter o direito de cobrar por isso?

Esquece que existem mulheres que fazem o que elas chamam de turismo sexual. Mulheres que se reúnem em grupos para viajarem a outros lugares. Mulheres que aprenderam com gays em Paradas Gays, fazem o circuito da Parada Gay também é para transarem nas saunas, boates, garotos de programa. Esquecem que não é só uma questão da prostituição feminina... Passa por várias questões. Tem que deixar as pessoas serem livres! Tire da prostituição quem não quer continuar! Quando se fala em não regulamentar a prostituição, tem que se lembrar de que você está negando direitos às pessoas. É isso que é o mais complicado. ‘Ah! As putas organizadas, que trabalham reunidas em ONGS e redes não podem falar pelas não organizadas.’ Nem podem então falar pelas putas, se não são putas. E isso quer dizer que mulheres organizadas em redes pelo feminismo, não

podem falar por todas as mulheres, existem mulheres que nem sabem a discussão que estão fazendo.

No entanto, putas organizadas discutem pautas de direitos que vão se estender às pessoas que não estão organizadas. Vamos simplesmente libertar as pessoas para elas fazerem suas escolhas.

Daniela Mattos (Cíntia Nin) E isso também perpassa pela questão do tabu do sexo na sociedade. Que não é como a discussão de gênero levada para as escolas, quando acontecem situações de sexo coletivo, ou enfim, o que seja, é um tabu para a escola, é reprimido...

Indianara Siqueira Como se as crianças não tivessem sexualidade entre elas. Porque na realidade tem. O que não se pode permitir é que pessoas de determinada faixa etária interferiram na experiência entre crianças. Crianças fazem suas experiências, é essa formação sexual. Para determinadas pessoas sexo é sujo, e das mulheres, sexo é sujo, opressor, violento, imposto... Enfim, é bem complicado ver pessoas reproduzindo essas opressões todas. Ao invés de entender que mulheres se masturbam, também gozam, tem orgasmo, batem siririca, encontram suas sexualidades sozinhas, gostam de transar com coisas e que transam entre si. Temos que tirar o tabu das coisas, das crianças e das mulheres. Principalmente tirar o rosário.

Daniela Mattos (Cíntia Nin) Tem uma outra coisa que é o empoderamento dos corpos que a prostituição traz, a Gabriela Leite já falava disso, você fala disso, a Amara Moira fala disso, que é de uma escolha de ser dona do seu próprio corpo.

Indianara Siqueira Sim! Ser dona do seu corpo!... Violência contra a mulher... Então vamos primeiro destruir o casamento? Porque cinco mil mulheres morrem por ano em relações ditas seguras, ou quando romperam suas relações. Não temos essa morte toda de mulheres assassinadas na prostituição, não que não tenhamos violência contra as prostitutas. Temos! Por conta do machismo e do patriarcado. No entanto, é mais seguro ser prostituta do que ser esposa nesse país. Se querem destruir a prostituição, primeiro vamos destruir o casamento? Vamos primeiro destruir a família? Crianças são exploradas no seio da família, sofrem agressões físicas para serem educadas! Aquele tapa que não dói? Dói sim! Vamos parar com a hipocrisia! Não se precisa da prostituição para formar uma rede de exploração sexual de crianças e adolescentes, até porque já temos a Igreja Católica

que faz isso muito bem. Vamos destruir a Igreja Católica? Porque não vai lá brigar? É porque fica mais fácil com a buceta das mulheres, com o corpo de travestis e transexuais.

Mariana Pimentel O que significa Indianare-se?

Indianara Siqueira Me libertei tanto, das amarras da família, de regras, das pregas do meu cu, me libertei e fui me libertando das religiões, sociedade e das normas impostas nos relacionamentos. Às vezes falam ‘Nossa! Tratar seu marido como animal de estimação’, o que é uma pessoa de estimação? Uma pessoa que se tem estima! Marido pra mim é propriedade e não sou de ninguém.

Daniela Mattos (Cíntia Nin) E companheiro?

Indianara Siqueira Então! Eu tenho relações com as pessoas... Costumo falar com minha pessoa de estimação que eu tenho relações mais antigas e estáveis do que a minha com ele. Vivo relações, com alguns amigos, algumas pessoas além de sociais, são sexuais, sanguíneas. Aprender a viver relações e não se oprimirem, pararem de se sentirem culpadas quando acabam... Escuto ‘Será que antes de morrer vou conseguir um relacionamento com alguém?’ Porra! A pessoa quer uma pessoa para morrer! Não é para viver uma relação, é tão imposto aquilo nela que antes de morrer ela tá em busca de alguém. O que é uma colonização também! O amor materno... é uma falácia, uma imposição à mulher para se sentir culpada “Ai deixei meu filho hoje!”. Deixe as pessoas se desenvolverem, deixar essas colonizações que foram impostas, essa prisão de estar presente! As pessoas vão se virar! As pessoas perguntam ‘Ah! E sua mãe? Não sente falta?’. Sinto falta do passado, a saudade de algo que foi vivido. Mas já tenho uma família toda, pessoas que fui conhecendo...

A gente tem que se libertar mais! Não quer dizer ser sem sentimento, mas pelo respeito, entendendo as colonizações, histórias, opressões, imposições... Respeito aos animais, hoje sou vegana, protetora dos animais desde 2003. Entender essa coisa da especialização que o ser humano tem “Nós os seres humanos, eles os animais”, esquecem que pertencemos ao mundo animal. “Ah! Mas nós somos animais racionais, eles irracionais!”. Para que essa racionalidade? Fazer tiroteio em Paris? Matar 50 pessoas em Orlando? Criar guerras? Escravizar as pessoas? Ah! Que máximo a racionalidade humana! Prefiro ser monstro todos os dias.

Justamente o poema da *Susy Shock*... Reivindico o meu direito a ser monstro:

‘Hoje acordei o humano dentro de mim estava tentando, lutando para se libertar. O monstro que me tornei aprisionou ele lá dentro, segurou pelos braços e foi sufocando. Hoje é mais um dia de vitória consegui aprisionar o humano que existe dentro de mim lá no fundo e só deixei o monstro submergir. Que eu me torne cada vez mais monstro e mate todo o resquício de humano que existe m mim’.

Isso é Indianare-se!

Todas Ahazô!

Indianara Siqueira é travesti, puta e transativista dos direitos humanos. Idealizadora do projeto Prepara Nem, com núcleo na Rua Moraes e Vale (Casa Nem). Proporcionando local de ensino e acolhimento para LGTTQI+ e outras pessoas em situação de vulnerabilidade e de rua. Desde 2015. Entrevista realizada por **Ana Matheus Abbade, Daniela Mattos, Guilherme Altmayer e Mariana Pimentel.**